

*Coleção*

DOCUMENTOS POPULISTAS

N.º 2

*Dlino Salgado*

991

# EXTREMISMO E DEMOCRACIA

*Quarunby*

# "O ESTRANGEIRO"

RODRIGUES DE ABREU\*

*Acabo de ler "O Estrangeiro", romance de Plínio Salgado. Quero um adjetivo forte perto deste livro. Mas, banalizaram os adjetivos "formidável", "genial". É o Livro. O Livro da Inquietude, da Dúvida e da Esperança, na hora em que se forma a Raça.*

\* \* \*

*Eu não leio livros, de um fôlego. Gosto de meditar, de mastigar gulosamente as idéias. Este eu li, contra a praxe. Ferrei nele, e só o deixei quando o velário caiu sobre o drama em que vivi.*

\* \* \*

*Não posso fazer a crítica do livro. Eu penso que eu estive nas suas páginas. Eu não posso criticar o Brasil que passa. Sinto-o. E que vá. Deus o leve onde ele for... E esse livro é o Brasil.*

\* \* \*

*Estou respirando forte. Estou suando. Será a doença dos meus pulmões? Será o suor da minha tísica?*

*É a Verdade do livro a me abafar. É o suor da Trágedia, que se consoma, a ungir-me.*

*Brasil de amanhã, de quanta força oculta, de quanto pranto anônimo, de quanto levedar de ideais estás surgindo!*

*O escritor moderno rolou na tua lama, subiu às tuas estrelas, e te viu.*

*Este livro: Tragédia da Dúvida e da Esperança, mas bendita tragédia. Dos Gólgotas é que jorram as Iluminações e as Certezas!*

\* \* \*

*Foi, um dia, na Rússia, quando o país quis libertar-se e criar, Biélsky, o crítico que teve a visão exata do que deveria ser a Arte russa. Mas não tinha o dom creador. Veiu Nicolau Gogol, o gênio que escreveu "Almas Mortas". E realizou o que o crítico concebera...*

*Não se pôde descrever de um país, onde se dá este milagre: Biélsky e Gogol num cérebro só.*

\* \* \*

*Para mim, desta fase inquietante da arte nacional, a personalidade de Plínio Salgado se projetará, luminosa, para o vale do futuro, na feição máxima e dupla da inteligência crítica e realizadora.*

*É Biélsky e Gogol do Brasil que renasce.*

\* RODRIGUES DE ABREU nasceu em Capivari, Estado de São Paulo e faleceu em Baurú, a 24 de novembro de 1927.

Foi redator de "A Cigarra" e colaborou na imprensa diária da Capital. Publicou: *Noturnos*, 1919; *A Sala dos Passos Perdidos*, 1924; *Casa Destelhada*, 1927. Em 1933 saíram novas edições de seus livros.

Rodrigues de Abreu é um dos maiores poetas do Brasil. Nos últimos dias de sua vida, tornou-se um ídolo da mocidade de S. Paulo, que acompanhava comovidamente seus sofrimentos e os lampejos de seu gênio poético, também revelados no fulgor de sua prosa, como ensaísta e crítico.

(N. dos editores: crítica e dados biográficos extraídos do livro "Plínio Salgado", 4.ª edição pela "Revista Panorama", S. Paulo, 1937, págs. 246 e 247).

*Extremismo*  
*e*  
*Democracia*

EDITORIAL

*Quarunby*

Rua Senador Feijó, 176 - 9.º andar - Sala 916

Telefone 3-4426 — São Paulo



No Distrito Federal: Sr. Mirabeau Cesar

Rua Evaristo da Veiga, 16 - 7.º andar - Sala 706

PLINIO SALGADO

# *Extremismo e Democracia*



*Quarumby*



PLINIO SALGADO

# *Palavras iniciais*

*Um livro de Plínio Salgado é sempre fonte de ensinamentos. Nunca um homem conseguiu, no Brasil, harmonizar tão bem em si mesmo as duas qualidades que enriquecem a personalidade do criador do Integralismo e lhe proporcionam singular posição no cenário nacional: a de doutrinador e a de homem de acção.*

*E, além disso, seu mérito todo especial está em que, num meio como o nosso em que os homens pregam uma coisa e praticam outra completamente diversa, sua conduta tem sido absolutamente retilínea, sempre dirigida para um rumo certo; aqueles que o seguem sentem que o homem que os conduz é timoneiro perito, incapaz de perder-se nas borrascas ou de se distrair com illusórios horizontes e, muito mais do que isso, é comandante que QUER e SABE O QUE QUER.*

*E' Augusto Frederico Schmidt quem escreve: "E posso dizer que ele sempre pensou da mesma maneira." E' Almeida Magalhães quem afirma: "Tem sido lógica a evolução mental de Plínio Salgado. O seu caminho, desde a inesquecível Semana de Arte Moderna, vem sendo batido com o mesmo ritmo.*

*Foi o único que não tomou veredas diferentes nas grandes encruzilhadas patéticas que temos atravessado nesta longa odisséia de dez anos!*

*Foi o único que não errou a estrada!"*

*E, para bem compreender o sentido da marcha de Plínio Salgado e a significação de todo o seu trabalho de homem público, é preciso ler-lhe e meditar-lhe a vasta obra, desde os romances até os livros políticos. Porque o pensador completa o romancista e o político coroa sua personalidade.*

*Parece que os destinos de certos homens hão de ser eternamente submetidos a grandes provações, para que sua obra e sua acção sejam regadas "con la sangre del alma"...*

\* \* \*

*Num cenário de gente descrente, incapaz de traçar um destino para si mesma, a voz de Plínio Salgado soou como clarinada para uma luta sem par em nossa história: a redenção nacional, através de um vasto movimento cultural e político. Conclamou os moços para a peleja, dizendo a todo pulmão que era preciso "entrar de uma maneira violenta e decisiva na história."*

*E assim como muitos o escutaram e como Bandeirantes do Espírito partiram para a grande jornada, houve vozes rancorosas que o despeito, a inveja e a mesquinhez moveram a um combate inglório contra os que se propunham o encargo de dar alma à nacionalidade.*

*Mas, o vozerio medíocre não podia deter a caminhada dos que acreditavam que "a Idéia-Força póde interferir no fato histórico."*

*A revolução que os conduzia era a mais legítima de todas, porque constituia um movimento consciente de idéias; filosófica, sociológica e politicamente fundamentado, era expressão genuína da dinâmica social e profundamente enraizado na alma nacional.*

*E, através do esplendor de uma revolução como a Integralista, tendo uma filosofia de Vida, uma atitude diante do Universo e frente ao Homem, uma geração tentou a busca de novos equilíbrios, deixando posições anteriores e imperfeitas. Essa a verdadeira vocação política de quem crê no destino*

creador do Homem. Esse trabalho, turbado durante certo tempo, é hoje reencetado pelos populistas, com o mesmo ardor e com a mesma fé de outrora.

Quem vive do Passado é reacionário e nada mais do que cadáver ambulante. Quem apenas segue o Presente é árvore sem raiz. Quando alguém teme o futuro é sinal de que as ruínas já invadiram sua alma, em que os fantasmas dos mitos devem estar voejando como ameaças tenebrosas.

Esta é a mais terrível Verdade, dita por Plínio Salgado em "Psicologia da Revolução": "A decadência da Idéia-Força só se inicia quando ela começa a lular contra o Futuro". — "Não se combate impunemente o Futuro."

Só é de fato humano e não caricata expressão da personalidade do homem quem, inspirando-se no Passado, vive no Presente e caminha resolutamente para o Futuro, buscando-o com alegria e confiança.

\* \* \*

E como a Democracia é a expressão política que melhor condiz com êsse sentido de Vida, Plínio Salgado pregou o mais puro dos governos: a Democracia Cristã.

A Doutrina Integralista, que ontem informou as atividades da "Acção Integralista Brasileira" e hoje fundamenta o programa do "Partido de Representação Popular", pela elevação de seus princípios, sintetizados na trilogia "Deus, Pátria e Família", nunca poderia alicerçar um movimento extremista e anti-democrático.

O mais repugnante desvirtuamento de idéias, de conceitos e de palavras foi realizado, para enxovalhar o sentido integralista da Vida e o governo que o mesmo pregava.

O Tempo, porém, é o maior amigo do homem e da Verdade. As pessoas de má fé perdem a última batalha. Hoje podemos nos defender e continuar a marcha por algum tempo perturbada. Reunindo quatro artigos de Plínio Salgado neste volume, todos abordando o mesmo e palpitante tema,

acredita a "*EDITORIAL GUANUMBY*" estar prestando inestimável serviço aos populistas e a todos os estudiosos do pensamento e da vida política nacionais.

Serenos, voltamos à senda da luta. Este pequeno livro "*Extremismo e Democracia*" é uma resposta aos nossos inimigos gratuitos.

E a Plinio Salgado podemos dizer, com a alma cheia de fé e confiante no Futuro:

— A semente germinará e a messe há de vir um dia. Não nos enfraquece a tibieza e nem somos eternos inquiridores. Formamos, ao menos, uma geração que sabe crer.

GENESIO PEREIRA FILHO

I — EXTREMISMO

II — AINDA SÔBRE O EXTREMISMO

III — A VERDADEIRA DEMOCRACIA

IV — FUNDAMENTOS ORGANICOS DA DEMOCRACIA

I

# **Extremismo**

# Extremismo

**É** preciso definir o que seja “extremismo”. Só mediante a definição do termo, podemos aplicar o qualificativo “extremista” a este ou àquele partido, a esta ou àquela pessoa.

Si “extremismo” significa utilização de métodos violentos para tomada do Podêr, raríssimo será o homem público brasileiro dos nossos dias, ou do nosso passado histórico, em condições de eximir-se ao qualificativo “extremista”.

Em 1889, sem que tivesse havido qualquer eleição ou consulta ao povo brasileiro, a guarnição do Exército da capital do Império, tendo à frente o Marechal Deodoro da Fonseca, destronou o nosso velho imperador, embarcando-o à fôrça no paquete “Alagoas” que o conduziu, com sua família, para o Exílio, onde veio a falecer após cincoenta anos de

serviços prestados à Pátria. O Partido Republicano era, entretanto, uma escassa minoria em todo o território nacional.

Tendo sido, pois, implantado pela força o regime republicano, pergunto: podemos classificar como extremistas o Marechal Deodoro, o coronel Benjamin, os senhores Campos Sales, Prudente de Moraes, Glicério, Bocaiuva e outros?

\* \* \*

Em 3 de novembro de 1891, Deodoro decretou a dissolução do Congresso. Foi um ato extremista?

Mas a 23 do mesmo mês, a esquadra volve os canhões contra o Fundador da República e intima-o a passar o governo ao vice-presidente, Marechal Floriano. Foi uma atitude extremista?

Floriano assume e logo depõe todos os governadores de Estado que haviam apoiado o ato de Deodoro. Foi uma resolução extremista?

Surge, em seguida, o manifesto dos "treze generais", exigindo de Floriano que promovesse imediatamente eleições para Presidente da República. O manifesto foi extremista?

Retruca Floriano com a reforma e a deportação dos treze generais manifestantes. Foi isso extremismo?

Irrompe, entretanto, a revolta da Armada contra Floriano, em 6 de setembro de 1893 e a revolução federalista do Rio Grande crepita invadindo os Estados do Sul. A tranquilidade só volta com o governo de Prudente de Moraes. Pergunta-se: todos esses episódios constituem extremismo?

Após alguns anos de paz interna, quando o governo Rodrigues Alves atingia o seu máximo esplendor, na realização das obras, de administração e de diplomacia, de Passos, Oswaldo Cruz e Rio Branco, rebentou uma revolta militar (novembro de 1904) e no ano seguinte um levante na Fortaleza de Santa Cruz. Foram revoltas extremistas?

No governo seguinte, um pronunciamento politico-militar, impondo o candidato à sucessão presidencial, leva o

presidente Afonso Pena a morrer de traumatismo moral. Daremos ao pronunciamento o nome de extremista?

Assumindo o governo o Marechal Hermes da Fonseca, inicia este a derrubada das oligarquias dos Estados, mediante intervenções armadas entre as quais se celebrizaram, pelas reações que provocaram, as do Ceará, de Pernambuco e da Bahia. Eram atos extremistas?

No quadriênio Hermes dá-se a revolta dos marinheiros. Era extremismo?

Transcorridos alguns anos de calma, eis que, no governo Epitácio Pessoa, estoura uma revolta no forte de Copacabana (5 de julho de 1922), em consonância com a Escola de Guerra e alguns elementos da Vila Militar. Eram extremistas os revoltosos?

Mas, no quadriênio Bernardes, temos em São Paulo uma revolta militar, acompanhada de agitações em todo o país. Tratava-se de extremismo?

E que diremos da revolução de 1930, em que os remanescentes das duas revoltas contra Bernardes unem-se aos políticos que os combateram, (inclusivé o próprio Bernardes) derrubando o presidente Washington Luis e impedindo pela força (exclusivamente pela força) que tomasse posse da Presidência da República, para a qual fôra legitimamente eleito pelo povo, o sr. Júlio Prestes de Albuquerque? Classificaremos como extremista essa revolução?

Implanta-se a seguir o "governo discricionário" de Vargas, apoiado por todas as vestais da democracia que hoje, nos diferentes partidos, fazem-se campeões das liberdades públicas. No entanto, antes que Vargas pudesse restabelecer a ordem no meio da anarquia reinante, cuja efervescência impedia o processo normal de eleições regulares destinadas a compor uma Assembléia Constituinte, estourou a revolução de São Paulo (9 de julho de 1932). Foi essa revolução um extremismo dos paulistas?

Derrotado pelas armas, porém vencendo moralmente, os paulistas conseguiram as desejadas eleições para a Constituinte e, em 1934, o país parecia entrar no regimen da ordem.

Em 1935, porém, deflagra a revolução comunista, no Rio e no Nordeste, com todas as características das insurreições militares anteriores e até aperfeiçoando, pela surpresa e pela violência, os golpes de mão em quartéis, que assinalaram a revolução de 1930, em certos Estados. Foi extremismo dos comunistas?

\* \* \*

Note-se que, por enquanto, estou apenas formulando perguntas. São temas para meditações preliminares à definição da palavra "extremismo". Mas, prossigamos.

Em 10 de novembro de 1937, o Presidente Vargas desfere um golpe de Estado impedindo a realização das eleições presidenciais. Fecha o Congresso, como fez Deodoro (cuja estátua foi inaugurada naquele mês...) e como fizera Pedro I, havia mais de um século.

Implanta-se o chamado Estado Novo, de caráter genuinamente totalitário, ao qual deram imediato apôio numerosíssimas sacerdotizas da castíssima Palas-Atenéia-Democrática. Tais sacerdotizas não se pejaram de introduzir, no templo da deusa intangível, o audacioso Ares conspurcador.

Maculadas as suas clâmides, o castigo das novas Cariátides foi o mesmo das antigas, consoante se vê na Acrópole grega: tiveram de sustentar nos cargos públicos de confiança (interventorias, ministérios, embaixadas) o templo do filho de Ares, nascido da terra, e não de Atenéia, a incorruptível, também chamada Minerva entre os helênicos, assim como nós a apelidamos Democracia...

Vimo-las, as novas Cariátides do templo de Erecteu, ou Estado Novo, carregando à cabeça o teto do edificio. São bem conhecidas, conquanto hoje pretendam renegar o seu deus.

Chamaremos ao Ares-Vargas, ou ao Erecteu Estado Novo, ou às Cariátides arrependidas, pelo nome de extremistas?

\* \* \*

Exprimindo o seu amor à sabedoria de Minerva ofendida, alguns cidadãos da Atenas-Democrática, chefiados pelo general Castro Júnior e com o concurso de alguns incorruptíveis anciãos do Areópago do Liberalismo, hoje com assento nas curues parlamentares, revoltaram-se no dia 10 de máio de 1938, pretendendo derrubar o Erecteion glorificado pelos oráculos do Dip.

Daremos o nome de extremistas aos revoltosos de máio de 1938? Em que diferem eles dos revoltosos de todas as rebeliões anteriores? Que queriam eles? O regresso aos cânones constitucionais de 1934. E que fizeram eles? Nem mais nem menos do que praticaram todos os revolucionários das revoluções enumeradas neste capítulo, que é uma espécie de fole a reavivar memória sapagadas...

Em 1904, o senhor Lauro Sodré e o general Travassos não marcharam também sôbre o palácio presidencial, só não o tomando porque as forças de Rodrigues Alves os detiveram na rua da Passagem? E em 1930, o Palácio de Guanabara não foi cercado e atacado, saindo dali preso, na companhia do Cardeal Leme, o sr. Washington Luis?

Mas, em 1945, os sacerdotes do templo de Marte, trazendo à rua os engenhos belicosos moto-mecanizados, em que se aprimorou em nosso século o filho de Júpiter e Juno, cercaram o templo de Erecteu, ou Estado Novo. O ronco dos motores produziu o efeito das trombetas nas muralhas de Jericó. Tudo caiu: frontaria, teto, paredes.

Só as Cariátides ficaram ilesas. Um sôpro de vida animou-as. De pedra que eram, transformaram-se em seres viventes, libertadas que foram do castigo imposto por Minerva-Palas-Democracia. Com a desenvoltura das pastoras da Achaia, puzeram-se a dançar a dança clássica do liberalismo

e a amaldiçoar o audacioso Ares-Vargas e seu filho Erecteu, ou Estado Novo.

Chamaremos de extremistas aos filhos de Mavorte, pelo fato de terem derrubado o Erecteion e libertado as Cariátides, infiéis servidoras de Palas-Atenéia, na tardre de 29 de outubro de 1945?

\* \* \*

Fiz todas estas perguntas para colocar o problema. E coloco-o, perguntando: o extremismo é um processo de ação, ou uma doutrina? Ou é um processo aliado a uma doutrina?

Si extremismo é apenas processo de ação, de ação violenta, de ação extra-eleitoral, visando a conquista do Poder, eu desafio a todos os puritanos da República, a todos os Catões da Democracia, a atirar a primeira pedra, contra quem quer que seja!

Partícipes das revoluções de 1889, 1891, 1893, 1904, 1905, 1910, 1922, 1924, 1930, 1932, 1935, 1938, 1945, — atirai a primeira pedra!

Sois muitos, sois uma multidão, alguns de barbas brancas, outros ainda jovens. Todos vós premeditastes, ou efetivastes, bombardeios e assaltos a palácios presidenciais, golpes de mão em quartéis, desordem nas ruas.

Si extremismo é ação violenta, não façais como os demônios em limite de idade, que alardeiam virtudes de ermitões quando sentem os primeiros reumatismos da velhice. Não leveis ao Cristo a mulher tida por vós como adúltera, quando fostes adúlteros contumazes e tentastes atrair às vossas prevaricações aqueles mesmos que apontais como repelentes prevaricadores. Não imiteis o lobo, que veste a pele da ovelha, nem façais como o outro que turva as águas na nascente, acusando o cordeiro, que se acha mais em baixo, de sujá-las no intuito de macular os seus dentes perversos. Lembrai-vos que tendes telhados de vidro, antes de apedrejar o do vizinho. E, sobretudo, sêde justos em vossos racio-

cinios, tendo presente a sabedora do Evangelho a ensinar-vos que "sereis julgados pela medida pela qual julgardes".

Muitos há que hoje passam por agruras que fizeram sofrer a outros, quando acreditavam que se eternizariam no Poder. O mundo é uma roda, a girar sempre, e a justiça de Deus guarda para si, ante a palavra dos homens, tão efémera como eles, a sua última palavra.

Isto posto, entremos agora no estudo da significação da palavra "extremismo". E' matéria para lexicógrafos, juristas e pensadores.

II

# **Ainda sôbre o “Extremismo”**

## Ainda sobre o "Extremismo"

**P**ELO que vimos na rememoração histórica das revoluções, revoltas, sedições, pronunciamentos e golpes de Estado ocorridos no Brasil, desde 15 de novembro de 89, todos êsses episódios poderiam ser classificados como extremistas, caso a palavra "extremismo" significasse unicamente ação violenta ou extra-eleitoral visando a tomada do poder ou a mudança das instituições.

Si aceitarmos tal significação, todos os homens públicos do nosso país, com raríssimas excepções, pertencem à categoria de extremistas. Porque entre eles difícil é encontrar aquele que não tenha tomado parte nos atos extra-legais, ou ilegais, de 89, 91, 93, 904, 905, 910, 22, 24, 26, 30, 32, 35, 37, 38, e finalmente 45.

Na hipótese de não aceitarmos a definição da palavra extremismo como ato violento, extra-legal, visando o poder

ou a mudança das instituições, perguntamos: — o extremismo é, então, uma doutrina, e não um processo de ação?

Supondo resposta afirmativa, indagamos: é passível da designação de extremista qualquer doutrina social ou política, ainda que pacífica, mas contrária à estrutura nacional vigente?

Responda-se que sim, e teremos de estabelecer uma distinção, que poderá ser contida na seguinte pergunta: é extremista somente aquele que pretende substituir por outro o princípio fundamental, ou os postulados básicos das nossas instituições, ou também é extremista aquele que, aceitando o mencionado princípio fundamental e os referidos postulados básicos, entende que, para se lhes dar maior eficiência, é mister recorrer a novas formas de expressão política?

No primeiro caso, seriam extremistas os que adotassem uma doutrina materialista, como por exemplo o socialismo marxista, ou científico, uma vez que a nossa Constituição sendo promulgada em nome de Deus, consagra uma concepção espiritualista do Universo e do Homem.

Mas no segundo caso, seriam extremistas todos quantos almejassem, embora conservando o princípio básico da Carta Magna, formas diversas de governo ou de captação dos sufrágios populares. Adeptos do extremismo seriam, então, os monarquistas, os parlamentaristas, os partidários do voto indireto, os unitaristas, os propugnadores da representação classista.

\* \* \*

Uma democracia pura, ou clássica, também chamada liberal, não poderá ter por extremista nem aquele que atenta contra os princípios, nem aquele que atenta contra a forma de governo ou contra os processos de sufrágio.

Uma democracia não pura ou clássica, ou liberal, mas espiritualista, portanto baseada num princípio filosófico por

ela tido por imutável, e objetivando um fim, que não é o subjetivo, da democracia pela democracia, porém o objetivo, do democratismo em realização, essa poderá e deverá considerar extremistas aqueles que atentarem contra o conceito do homem em que ela se baseia; não poderá, entretanto, impedir a livre manifestação do pensamento e da ação política no sentido de alterar a forma de governo ou os processos de eleição.

Finalmente, uma democracia que, além de renegar o liberalismo clássico, fundado no determinismo dos movimentos da massa popular, vai além dos limites impostos pela democracia espiritualista, coibindo não só a ação política dos adversários de seus princípios basilares, mas estabelecendo novas restrições à própria liberdade de propaganda partidária tendente a modificar a forma de governo ou os processos de eleição, essa democracia, não sendo nem clássica ou liberal, nem apenas espiritualista ou cristã, considerará extremista tanto quem atente contra o seu postulado fundamental, como o que se insurja contra as formas políticas por ela impostas.

Temos no primeiro caso uma democracia liberal. No segundo, uma democracia cristã. No terceiro, uma democracia autoritária.

No primeiro caso, nenhuma restrição ao pensamento e à ação dos cidadãos. No segundo, restrições quanto à doutrina filosófica. No terceiro, restrições tanto de fundo como de forma.

\* \* \*

Mas o extremismo, em última análise, podem defini-lo como doutrina de coação à liberdade humana. A verdadeira democracia deverá estar vigilante contra o extremismo. Essa vigilância exerce-se pela sustentação dos princípios capazes de garantir aquela liberdade. Toda democracia que se esquece de sustentar a todo o transe tais princípios e apenas

se apegar às questões de forma, pôde cair no extremo oposto que será a implantação de novas formas de extremismo sob o pretexto de combater o extremismo. Querendo evitar uma revolução por fóra realiza uma revolução por dentro. Pretendendo salvar a liberdade humana, sufoca-a.

E' preciso muita atenção, muito cuidado, para se não cair em tais excessos. Entre a democracia liberal e a democracia autoritária, há uma linha média, que é a do bom senso, do equilíbrio, da conciliação entre a liberdade e a autoridade, segundo o conceito espiritualista que devemos ter do homem, da sociedade e do governo.

A experiência de mais um século demonstrou que a democracia clássica, ou liberal nega-se a si própria. Pela manifestação libérrima do sufrágio essa democracia produziu o governo nazista, que a liquidou violentamente; pelo jôgo desenfreiado das ambições dos partidos na desordem do parlamentarismo russo, ela entregou o poder ao bolchevismo, a terrível tirania que também a feriu de morte.

Verificou-se que a democracia, para subsistir, precisa estabelecer "a priori" alguns princípios que lhe sirvam de estabilidade. Tais princípios decorrem de uma concepção espiritualista do Universo e do Homem, porque o materialismo, sendo determinista, não admite o livre-arbitrio, que é prerrogativa do Espírito. O materialismo submete o conceito da História a leis imprescritíveis, que se pretende governem a própria evolução do pensamento a formar, sob o impositivo de circunstâncias sociais e económicas, os impulsos políticos das massas populares.

\* \* \*

No Brasil, temos uma Constituição promulgada em nome de Deus; lógicamente se infere que o regimen em que vivemos adota uma concepção espiritualista do mundo. E' Deus a base das nossas instituições. Todos os direitos e deveres dos

cidadãos derivam dessa idéia que ilumina o preâmbulo da nossa Carta Magna.

Por conseguinte, a ninguém é permitido, a menos que se fira de morte a nossa Democracia, pugnar pela implantação de um regime baseado no materialismo. Seria uma reviravolta, uma mudança radical das bases constitucionais. Seria contrariar toda a nossa tradição nacional, os sentimentos, a índole, os costumes do povo brasileiro.

Quando se pretende, portanto, examinar si este ou aquele individuo, ou este ou aquele partido são extremistas, não nos devemos ater às questões de forma, porém de fundo.

Um homem, ou um partido, pode, por tática, pugnar em favor do pluripartidarismo, assim como em prol da liberdade de imprensa, de reunião, de associação, de manifestação política ou eleitoral; nunca esse homem ou partido poderá, por tática, pregar o espiritualismo si não for espiritualista, e proclamar o nome de Deus sem que os verdadeiros crentes conheçam da sua sinceridade.

Além disso, o extremismo não é uma questão de exterioridade mas de essencialidade doutrinária. Que importa pregue alguém o respeito à Constituição, si ao mesmo tempo dissemina idéias ateistas e materialistas, em que se baseia a violência dos fortes, dos audazes, dos crueis e dos sanguinários, dos trapaceiros e dos hipócritas contra todos os valores morais da sociedade em que vivemos? Não são essas idéias as portadoras da aventura política, as que animalizam os homens para que aceitem o regimen da tirania?

Ninguém foi mais extremista do que Nietzsche, o supremo inspirador do nazismo, mas os seus discursos baseiam-se no materialismo dos monistas e dos evolucionistas. Ninguém foi mais sanguinário do que Lenine e seus apaniguados, mas esse atroz extremista bebeu a sua doutrina nos filósofos materialistas do Ocidente.

Só o materialismo é extremista. Todô homem ou partido que proclame e dissemine a sua fé em Deus e na imortali-

dade da alma humana e, consequentemente, o respeito à liberdade do homem, que se funda não nas leis deterministas que regem o seu corpo, mas no livre arbítrio que é prerrogativa do seu espirito, não pôde ser classificado como extremista.

\* \* \*

Foi por isso que, num inquérito realizado em 1935, a respeito do Integralismo Brasileiro, inquérito em que se perguntava se aquela doutrina e partido podiam ser qualificados de extremismo, respondeu o deputado Cirilo Junior:

“Não, porque perniciosos à Nação Brasileira são aqueles cidadãos que se afastam dos postulados que exigem o respeito a Deus, à Pátria e à Família, são os que diminuem os créditos morais da Pátria assim como os económicos, e recusam o seu esforço a tudo quanto signifique aperfeiçoamento. E, a meu vêr, digo-o sinceramente, apesar de não ser sectário, a doutrina integralista não aprova e nem pratica qualquer postulado que não vise fortalecer a Nação moral e economicamente”.

No mesmo inquérito, disse Azevedo Amaral, à pergunta sobre si o integralismo deveria ser considerado extremismo:

“Evidentemente não. A não ser que se atribuam às palavras sentido diametralmente oposto ao que elas apresentam na linguagem corrente, ninguém pôde qualificar o integralismo de extremismo. Esta última expressão tem um sentido inequívoco, significando idéias, tendências e organizações irreconciliavelmente antagônicas à ordem social vigente nos países de civilização de tipo ocidental”.

Abrahão Ribeiro assim se expressou: “Se extremismo quer dizer extremo oposto à situação dominante, tendente a subvertê-la, não pôde a doutrina integralista ser considerada como tal”.

Baltazar da Silveira, a respeito do assunto, afirmou no mesmo inquérito: “Doutrinas extremistas são aquelas que

propugnam a destruição da família, e da propriedade, a supressão da idéia de Deus da consciência popular e a substituição dos códigos e regulamentos pelos caprichos espúrios dos detentores ocasionais do governo; ora, o integralismo, que defende Deus, Pátria, Família e propriedade, não póde ser tido como corrente extremista”.

Estas opiniões vão aqui citadas, não com o intuito de defender a doutrina integralista, que não está sendo atacada, mas para mostrar o verdadeiro conceito de “extremismo” na palavra de juristas, parlamentares e pensadores como Cirilo Junior, Azevedo Amaral, Abrahão Ribeiro e Baltazar da Silveira.

Vê-se bem que “extremismo” é a doutrina contrária à liberdade humana, baseada no espiritualismo, que inspira as instituições brasileiras.

\* \* \*

Insistimos, só existe um extremismo — o materialista. Porque o materialismo é determinista e baseia-se no impositivo das forças materiais.

O determinismo justifica o predomínio do forte sobre o fraco, o predomínio da massa sobre o indivíduo, a utilização da violência como criadora de direitos. E’ doutrina da força bruta, livre da interferência do espirito. O conúbio do determinismo histórico e da dialética materialista produziu o extremismo marxista.

Não há dois extremismos, há apenas o extremismo. Porque o chamado extremismo da direita é o mesmo da esquerda. Tanto assim que o nazismo denominava-se nacional-socialismo. A palavra socialismo foi consagrada definitivamente por Marx. Era já uma doutrina materialista e Marx pretendeu dar-lhe fundamento científico. Aplicou, então, os princípios do evolucionismo materialista ao desenvolvimento do capital. O seu socialismo tem caráter internacional e o

de Hitler tem caráter nacional e racial. Ambos, porém, procedem da mesma fonte: o materialismo. Por isso não há extremismo da direita nem da esquerda. O que há é o extremismo.

E todo homem, e todo partido que for espiritualista, e proclamar a fé em Deus e na imortalidade da alma humana, a liberdade do homem e a sua responsabilidade, os direitos naturais do homem como consequência do seu livre arbítrio e dos seus deveres para com Deus, esse homem ou esse partido não pôde ser qualificado de extremista.

E quem disser "extremismo" no plural, não sabe o que está dizendo.

III

# **A verdadeira Democracia**

# A verdadeira Democracia

**O**S temores de Tocqueville, quando observa na Democracia os germens de dois males — a anarquia e a servidão — levam-nos a meditar sôbre a inconsistência das construções humanas, si elas se apoiam exclusivamente na presunção de que ao homem é possível, usando do orgulhoso instrumento da sua inteligência, edificar a ordem social e política mais condizente com as suas aspirações de felicidade.

A conciliação entre a liberdade e a igualdade é o tema das angústias do pensador francês. Versando-o, com subtileza e clarividência, procurou o autor da "Democracia na América" engendrar um sistema de equilíbrio mediante cujo funcionamento a igualdade não viesse a sufocar a liberdade, nem esta suprimir àquela.

Nos dias em que vivemos, Tocqueville tornou-se atualíssimo. A incapacidade geral dos povos para definir a Democracia

origina-se da maior ou menor porção em que se toma um daqueles termos. Ou a liberdade, por excessiva, conduz à anarquia; ou a igualdade, por exagerada, leva os homens à escravidão.

Às meditações do pensador francês do século XIX podemos acrescentar que o estado de espirito gerado pela anarquia (ou desigualdade em que imperam os poderosos, os ricos, os aventureiros, em prejuizo dos fracos, dos pobres e dos honestos) é o de uma aspiração irresistível à igualdade; e como esta, levada ao extremo, produz a escravidão coletiva em que sossobram as liberdades individuais, conclui-se que a liberdade hipertrofiada é o primeiro passo para a supressão de tôdas as liberdades.

O problema que se propõe ao mundo de hoje é, portanto, este: realizar o máximo de igualdade, na amplitude das máximas liberdades, o que significa, por outras palavras: impedir que a igualdade destrua a liberdade e que a liberdade elimine a igualdade.

Será, porém, possível, que isso se realize, pela simples estruturação constitucional das Cartas Políticas e das leis ordinárias?

\* \* \*

Quando nos demoramos, à sombra das imensas bibliotecas, a contemplar as mudas fileiras dos in-folios, dos manuscritos, dos incunábulos, dos pergaminhos, dos milhares de volumes que, através dos séculos, se acumularam conservando nas suas páginas o acervo imenso do pensamento dos homens, uma dolorosa tristeza nos invade. A cidade dos livros é, de certa forma, o cemitério das idéias. Dos sepulcros de papel muitas vêzes ressuscitam conceitos, juízos, hipóteses de uma época longínqua, e combinando-se com outros de tempos mais recentes, surgem nos lineamentos de novos sistemas, destinados a viver alguns dias de popularidade para depois irem também adormecer nas estantes...

E' todo o esforço humano tentando decifrar o enigma do Universo e do Homem, procurando as fórmulas da felicidade individual e social, o segredo do equilibrio entre individuos e grupos, entre o sêr humano, os seus similares, e a sociedade em que vivem, e entre as sociedades nacionais sequiosas de mutua solidariedade e segurança. Por mais alheias que pareçam as investigações científicas e as especulações filosóficas ao tema da construção social, todas trabalham por adquirir conhecimentos capazes de enriquecer a intelligência, tornando-lhe possível a descoberta da fórmula política salvadora. Nenhum desses esforços foram dispendidos sem consequências directas ou indirectas na vida jurídica dos povos. E, no entanto, é triste pensar que, ao cabo de longos milénios, o mundo não encontrou ainda a solução do seu magno problema.

O que discutimos hoje é o que se discutia na Grécia Antiga, isto é, a defesa da Democracia contra os perigos da liberdade, que leva à anarquia, e da igualdade que produz o dominio de um só ou de alguns sôbre a multidão escravizada. Chegamos, assim, ao século XX, sem saber definir a Democracia, sem saber defendê-la e sustentá-la.

\* \* \*

Para a Rússia Soviética (apreciando-se com isenção de ânimo e exclusivamente do ponto de vista teórico da doutrina comunista) a Democracia é a realização da igualdade económica mediante a socialização dos meios de produção. Socializar, entretanto, os instrumentos produtores da riqueza é colocar tais instrumentos nas mãos de uma classe de dirigentes, que se torna poderosa e exerce o seu domínio incontrastável sôbre a coletividade dirigida. Suprime-se, dessa forma, o outro elemento da Democracia, que é a liberdade, notadamente a liberdade de escolha dos governantes pelos governados uma vez que (segundo a própria doutrina comunista) a maior soma de poder económico determina o maior

índice de manifestação da vontade individual. A maior soma desse poder, encontrando-se nas mãos da classe dirigente, outorga-lhe o arbitrio da escolha dos chefes. Entre estes, segundo a hierarquia da função exercida, estabelece-se uma escala de domínio, que vai desde o funcionário menor da repartição até ao presidente supremo do governo. Tem-se, dessa forma, uma Ditadura, que contraria o espírito da Democracia, tomada esta na acepção da livre escolha dos governantes pelo povo.

Ao contrário, para as Nações ditas democráticas do Ocidente, a Democracia é a realização plena das liberdades consubstanciadas nos consagrados princípios dos direitos do homem. Nada mais justo nem mais belo, porque nos direitos do homem se incluem, não apenas as liberdades políticas, mas também um mínimo de condições económicas as quais constituem, por assim dizer, o lastro da liberdade.

Mas, na prática, o princípio da livre escolha dos governantes pelos cidadãos é burlado pelo individualismo excessivo, que, utilizando-se do prestígio das posições conquistadas ou do poder do dinheiro, iludem as multidões moldando a opinião pública ao seu talante e conduzindo despoticamente àquelas massas desorganizadas que o Papa Pio XII qualificou de amorfas e absolutamente diversas do povo esclarecido segundo as categorias de seus valores.

Assim, enquanto na Rússia a oligarquia dirigente realiza as suas eleições comprimindo os eleitores sob o peso das ameaças económicas (que vão até ao corte das cartas de racionamento) e das perseguições exercidas pela polícia política, em nossas Democracias organizam-se verdadeiros sindicatos comerciais com feição partidária, assenhoreando-se, pelo poder do dinheiro, das estações de rádio, das colunas da imprensa, de aparelhamentos de propaganda que funcionam desde a disseminação prodigiosa de cartazes e impressos (meios esses perfeitamente lícitos) até à instalação de arma-

zens de comestíveis, de roupas e quinquilharias, que concorrem com o comércio normal, escorados nas caixas dos partidos.

\* \* \*

Burla-se, dessa maneira, por meios indiretos, a verdadeira vontade do povo, pois a massa puramente instintiva e não raciocinante, que se deixa levar pelos impulsos momentâneos de uma fascinação oriunda de benefícios efêmeros e insubsistentes, não constitui, de forma alguma, a expressão real da democracia. Ela se deixa conduzir, segundo as palavras do Sumo Pontífice, em sua Radiomensagem do Natal de 1944, por “exploradores, mais ou menos numerosos, que têm sabido, mediante a força do dinheiro ou da organização, assegurar-se sobre os demais uma posição privilegiada e mesmo o Poder”.

Encontramos, por conseguinte, em nosso século, a Democracia praticamente morta, ou por excesso de igualdade, ou por excesso de liberdade. E como não pôde existir liberdade sem igualdade, nem igualdade sem liberdade, conclui-se que em nosso século não existem nem liberdade e nem igualdade. Lògicamente, não existe Democracia.

Como restaurar, de novo, essa forma de govêrno que é a mais justa, a mais honesta, a mais digna, àquela que respeita a nossa cidadania perante os homens e perante Deus?

Será mediante simples artifícios de construção jurídica, tal como idealizou Tocqueville, que restauraremos a Democracia? Ou o problema é mais profundo, procurando, nas raízes do Sêr Humano, os elementos perenes que conseguem estabelecer a harmonia perfeita entre aqueles dois termos fundamentais do perfeito regimen democrático e, mais ainda, a harmonia entre os homens, os grupos e as nações?

\* \* \*

Sim; o problema é mais profundo. Si a Democracia é a livre expressão da personalidade humana, é preciso buscar nas raízes do Homem o princípio vital do sistema político a que elle aspira.

No recesso do Sêr Humano encontramos duas leis, que se sobrepõem na sua realidade indestrutível, a todos os textos constitucionais e a tôdas as normas do direito positivo.

A essas duas leis pôde atender o Homem, segundo se dirige para o Bem ou para o Mal. Uma é a lei dos seus instintos; a outra é a lei de Deus. Governando-se os cidadãos por aquella, todos os regimens políticos redundam em escravidão, ou seja na antítese da Democracia; mas governando-se por esta, em qualquer forma de govêrno os cidadãos atingem o nobilissimo padrão politico da verdadeira Democracia.

Será inútil pretender com artificios legais equilibrar a liberdade e a igualdade, porque o idealismo jurídico há de sempre conflitar com o realismo social, que é muito mais forte nos seus efeitos e nos subterfúgios com que sofisma a própria letra das leis.

Criar uma democracia puramente mecânica, destinada a funcionar automaticamente pelo exercício dos órgãos do Poder e pela prática dos atos cívico-políticos por parte dos cidadãos, representa um sonho cuja inexequibilidade se evidencia nos episódios históricos do nosso tempo.

A Democracia, ou govêrno do povo, deve fundar-se muito mais em princípios de moralidade, que infundem em cada homem o respeito pelo justo e pelo verdadeiro, do que nas regras coercitivas facilmente burladas pelos interessados em transgredi-las.

Tôdas as dificuldades que actualmente se apresentam aos que pretendem definir a Democracia está em que o termo é tomado na acpção do simples mecanismo das instituições e não no sentido da idéia nele contida.

\* \* \*

A idéia essencial da Democracia é uma idéia de justiça: a partilha das liberdades públicas e privadas e a distribuição racional da igualdade perante Deus e as Leis Civis e segundo as categorias dos valores e funções accessíveis a todos os cidadãos. Quer dizer, somos, num regime democratico, verdadeiramente iguais uns aos outros no exercício das liberdades justas; e somos verdadeiramente livres para sermos iguais nas próprias desigualdades de temperamento, de vocação, de aspirações que nos levam a assumir postos diversos nas categorias económicas, intellectuais ou políticas.

Si a idéia essencial da Democracia é a Justiça, como pôde essa idéia estar sujeita ao arbitrio, puramente transitório, de uma crise psicológica da multidão conduzida por um ou mais indivíduos? Há, por conseguinte, alguma coisa de fixo, de imutável, na Democracia. Essa coisa imutável, que representa o princípio vital da Democracia, é a própria concepção democrática das instituições fundamentais. No dia em que esse conceito fosse posto a votos, êle deixaria praticamente de existir.

Mas, ainda mesmo mantido esse conceito, ele não teria vida efetiva sem que entre ele e cada cidadão se estabelecesse uma íntima consonância. Donde se conclui que a Democracia não existe onde os seus postulados se consignem apenas na letra das leis. A vida da Democracia está na alma de cada cidadão. Conhecendo-a, e amando-a, podemos defendê-la; mas si não a conhecemos nem a amamos, não conseguimos sustentá-la, na hora em que se pretenda pôr a votos os princípios que a informam e que são, para o verdadeiro democrata, intangíveis.

\* \* \*

Os verdadeiros princípios da Democracia têm de ser fundamentalmente cristãos. Entre a lei do instinto e a lei de Deus, os democratas sinceros adotarão esta. E' a lei que procede da fé num Criador do Universo e na immortalidade

da alma humana e que sustenta a liberdade do homem como prerrogativa de seu espírito. Lógicamente, a Lei de Deus, que nos faculta a liberdade e a responsabilidade, proclama a intangibilidade da pessoa humana. Intangível e livre, o Homem assume o compromisso de respeitar a intangibilidade e a liberdade do seu semelhante, as quais se estendem aos grupos naturais em que a pessoa humana se afirma e às cousas que pessoas e grupos possuem legitimamente.

Temos, assim, como bases da Democracia, 1.º) a pessoa humana intangível; 2.º) os grupos naturais que dela procedem e dos quais o primeiro é a Família; 3.º) a propriedade justa, isto é, aquela que não ultrapassa os limites do bem alheio ou comum.

Sendo o município uma reunião de pessoas, de grupos naturais e de propriedades, segue-se que o município deve ser autónomo; e sendo a Nação um conjunto de municípios autónomos onde vivem pessoas, famílias e grupos autónomos, conclue-se que a idéia da Pátria é inerente à Democracia.

A manutenção de todas essas expressões da liberdade humana exige virtudes nos cidadãos. Essas virtudes são as que se contrapõem às leis do instinto, que é injusto e cruel. Cumpre, pois, como único meio de realizar-se o regime democrático, uma larga e profunda obra de educação para a Democracia.

\* \* \*

Em caso contrário será impossível a Democracia. “Em mãos ambiciosas de um só ou de muitos” — disse o Papa Pio XII — “agrupados artificialmente por tendências egoístas, póde o próprio Estado, com apóio da massa reduzida a não ser mais do que uma simples máquina, impor o seu arbítrio à parte melhor do povo”. E, no mesmo discurso (Natal de 1944), continúa o Sumo Pontífice: “Em um povo digno de tal nome, o cidadão sente em si mesmo a consciên-

cia da sua responsabilidade, dos seus deveres e dos seus direitos e a sua liberdade está unida ao respeito da liberdade e da dignidade dos demais". E conclue: "Como antítese deste quadro do ideal democrático de liberdade, e igualdade em um povo governado por mãos honestas, que espetáculo apresenta um Estado democrático deixado ao arbítrio da massa! A liberdade do dever moral da pessoa se transforma em pretensão tirânica de desafogar livremente os impulsos e apetites humanos, com dano aos demais; a igualdade degenera em nivelação mecânica, em uniformidade monocroma. O sentimento da verdadeira honra, a atividade pessoal, o respeito à tradição, a dignidade, em uma palavra, tudo o que dá à vida o seu valor, pouco a pouco se funde e desaparece, e unicamente sobrevivem, por uma parte, vítimas enganadas pela fascinação aparatosa da democracia (fascinação que se confunde ingenuamente com o espírito da democracia, com a liberdade e a igualdade) e por outra exploradores, mais ou menos numerosos..."

Mas esta, acrescentamos nós, é a falsa democracia, a que se rege pelos impulsos inferiores do homem; nela os cidadãos seguem a lei do instinto, que se levanta contra a lei de Deus.

E' a democracia sem conteúdo democrático, isto é, sem fundamento na Justiça; é a democracia falsificada, que se baseia na superposição da liberdade sobre a igualdade, ou da igualdade sobre a liberdade, ambas levando os povos às suas trágicas consequências, que tanto podem ser as do totalitarismo nazista, como as do totalitarismo comunista, ou as de qualquer ditadura que, sob o pretexto de coibir aqueles totalitarismos, se implanta com todos os vícios e tiranias de ambos.

Em suma: democracia só pôde existir com a lei de Deus, que fez o homem livre e responsável. Fóra disso, é tudo fantasia, é tudo engodo, a iludir multidões inconscientes com a música das palavras sonoras e vãs...

IV

# **Fundamentos Orgânicos da Democracia**

# Fundamentos Orgânicos da Democracia

**S**ó existe, para as nacionalidades, um mal comparável, nos seus efeitos danosos, ao unipartidarismo, isto é, à predominância de uma organização política qualquer sôbre os legítimos anseios da vontade popular; êsse mal é o excesso de partidos.

Ao comemorarmos, como fizemos, no dia 25 do corrente, a data consagrada ao Duque de Caxias, patrono do Exército Nacional, fomos levados todos os que nos aflagimos diante da confusão que lavra em nosso país, a meditar sôbre os acontecimentos ocorridos nos primeiros anos da nossa Independência, os quais se assinalaram pelos excessos das facções a cuja desordem logrou pôr um termo o inolvidável soldado da Pátria ao serviço de governos esclarecidos e sensatos.

O que se passou no Rio de Janeiro, logo depois da elevação do Brasil à categoria de Reino, por ato de D. João VI, a 16 de dezembro de 1815, até à Abdicação em 7 de abril de 1831, e posteriormente nos anos agitados da Regência e nos períodos iniciais da Maioridade, evidencia que atravessamos naquela fase histórica da nossa Pátria um período carregado de ameaças de desagregação, em consequência da multiplicidade dos grupos políticos inconciliáveis.

Foi só nos meados do século XIX que a opinião pública nacional, gradativamente polarizada em duas correntes, conformou-se a um sistema de estabilidade, que tornou possível não somente a prática do regime parlamentar, mas ainda a segurança da própria unidade da Nação.

O trabalho desenvolvido pelo Duque de Caxias, desde as semanas seguintes à Abdicação, implantando militarmente a ordem na Capital do império assolada pela demagogia esquerdista de homens insensatos e de grupos anárquicos, e depois indo levar a variados pontos do território brasileiro o sentido superior de uma política elevada e serena, êsse trabalho pôde dizer-se que foi a base sobre a qual se organizou a opinião pública e se imprimiu caráter civilizado ao jôgo dos partidos no sistema em vigor.

O Brasil só começa a tomar feição de país consciente de sua autonomia e de suas responsabilidades, quando cessa o fervilhar dos numerosos partidos, fixando-se em duas grandes correntes as duas tendências do povo brasileiro. Desde então, e sob a égide do Poder Moderador, tão sagazmente exercido por D. Pedro II, o Brasil livrou-se, durante mais de meio século, do perigo dos caudilhos que convulsionaram a América Latina.

\* \* \*

Só os povos decadentes ou as instituições em fase pré-agônica de dissolução é que apresentam os quadros confusos do excesso de partidos, cada um deles tendendo a desagreg-

gar-se em dissidências que se acomodam, segundo as circunstâncias, a outros grupos de outros partidos.

A frase do Evangelho que diz "...todo o reino dividido contra si mesmo é devastado e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá" (São Mateus, Cap. 12, vs. 25 e São Lucas Cap. 11 vs. 17), exprime uma realidade que a História, mestra dos povos, confirma numerosas vezes.

Os grandes conquistadores da Antiguidade sabiam disso e esperavam sempre que as nações, sobre as quais volviam suas cobiças, se enfraquecessem nas desavenças domésticas para então invadi-las e dominá-las.

Igual tática usaram os romanos, que se aproveitaram das lutas dinásticas ou da confusão de partidos, para se imiscuirem nos negócios familiares de outros povos, tomando uma das facções como alavanca para fazer aluir todo o edificio nacional.

Mas os próprios romanos não escaparam da fatal lei e os últimos dias do seu Império assinalaram-se pelas rixas ou rivalidades intestinas, preparadoras do êxito da invasão dos bárbaros.

Famosas ficaram na História as quedas de duas cidades orgulhosas do seu esplendor: Jerusalém e Bizâncio. A primeira, segundo refere Flávio José, depois de longa resistência ao cerco das legiões romanas de Trajano e Tito, debilitou-se pela atroz luta dos partidos e a tal ponto que, apoiado em um deles, o inimigo logrou definitiva vitória. Quanto à segunda, celebrizou-se pela inconsciência do seu povo perante as tropas de Mahomet II, que marchavam triunfantes desde a Tessalônica até às portas da capital.

Os bizantinos dividiam-se em partidos numerosos: uns por motivos dinásticos, outros por inconciliáveis rivalidades regionais, outros finalmente, pelas controvérsias teológicas. Uns tinham os horizontes demasiado estreitos, porque brigavam por causa de mesquinhos interesses materiais ou pelas preferências pessoais relativas à sucessão no trono; outros tinham os horizontes demasiado vastos, porque discutiam e

se desavinhavam e acabavam se odiando, pelo fato de alguns dêles sustentarem certas idéias acêrca da luz increada que se manifestou em Cristo no Monte Tabor, idéias essas que não coincidiam com as dos seus contendores... Nenhum dos bizantinos era capaz de ver os horizontes da realidade, os quais nem são estreitos como os interêsses económicos ou politicos dos grupos ou das regiões, nem transcendentés como os das elocubrações dos literatos. E como ninguém via o que mais importava ver, que eram os turcos às portas da capital, esta foi tomada e todos os discutidores passados pelo alfange naquele fatal ano de 1453.

Mas a História sempre se repete e cento e vinte e sete anos depois, vimos a divisão do Reino de Portugal ser causa da perda da sua independência. De fato; se todos os portugueses se tivessem unido, ou para sustentar os direitos do Prior do Crato à sucessão, ou para solucionar pela deliberação das Côrtes o problema nacional, tal como se dera quando D. João I, o mestre de Aviz, foi eleito em contraposição às pretensões espanholas de D. Leonor Teles ou dos filhos de Inês de Castro, certamente que Filipe II não sairia triunfante anexando ao seu Império a Coroa de Portugal. Foi depois de gemer oitenta anos no cativeiro político que os portugueses compreenderam que a união nacional é a base da própria independência da Pátria e, erguidos como um só homem, foram buscar à Casa de Bragança o monarca da sua liberdade.

\* \* \*

Há dois momentos em que os povos se dividem em numerosísimos partidos: à véspera da sua derrocada ou à véspera da supressão de todos os partidos. Quer dizer: quando os povos multiplicam os partidos, êles se estão preparando, ou para se entregarem como escravos a uma nação estrangeira, ou para se entregarem, também como escravos, a uma ditadura nacional, ao arbítrio de um homem ou de

um grupo de homens que surgem, como aspiração comum de todos os espíritos cansados de lutas, desanimados em face das dificuldades, ou céticos inteiramente quanto ao êxito da democracia.

Há ainda um caso excepcional do aparecimento de numerosos partidos: o da readaptação à vida democrática, depois de um período de tirania, ou depois de uma derrota militar que destruiu as bases do sistema anterior.

Nestes dois últimos casos, o excesso de pluralidade partidária é transitório. Permita Deus que seja êste o caso brasileiro dos nossos dias. Se assim fôr, ainda podemos nutrir a esperança de um reajustamento democrático, mediante o qual funcionarão alguns partidos, porém não em tal número que atentem contra os próprios princípios fundamentais do regime, impedindo o normal funcionamento dos Poderes pela confusão e desordem, quer no parlamento, quer nos órgãos executivos e até mesmo nos judiciários.

A democracia deve funcionar como um registo exato da opinião pública através dos seus instrumentos de expressão, ou seja, através dos partidos. Mas se êstes forem tão numerosos e tão subdivididos em facções de caráter regional ou ideológico, e tão instáveis nas suas atitudes quanto sensíveis aos ventos favoráveis aos seus interesses de ocasião, nessas circunstâncias a democracia não poderá registrar as verdadeiras oscilações da opinião pública, nem dela poderemos dizer que exprime a vontade da maioria, a vontade geral de que procede o conceito da soberania popular, fonte ela mesma da soberania nacional.

\* \* \*

Não quero dizer com isso que os partidos devem ser postos no leito de Procusto de alguma lei arbitrária, artificiosa e anti-democrática, segundo cujos textos se determinem condições que só beneficiariam as organizações partidárias eventualmente grandes no instante da decretação de tal lei.

O que eu quero dizer é que os próprios partidos deveriam aproximar-se, segundo as suas afinidades, procurando inicialmente unir-se e mais tarde constituírem blocos uniformes pela sua doutrina e pela sua atitude.

Estamos vivendo numa época semelhante àquela em que viveu e principiou a atuar o Duque de Caxias: uma época de desordem intelectual e moral. Temos de marchar no mesmo sentido: o da unidade da Pátria. E quando digo unidade da Pátria não me refiro apenas à unidade territorial ou mesmo à unidade política no sentido do que esta exprime como estrutura constitucional. Falo da unidade do espírito brasileiro, prejudicada hoje em dia pelos interesses de ocasião, pelos pratos de lentilhas que já provocam as mais frequentes indigestões políticas em detrimento dos supremos ideais capazes de orientar uma alta e saudável ação dos nossos homens públicos pelo bem do Brasil.

Se não seguirmos a política pacificadora e unificadora de Caxias, e se continuarmos a atassalhar-nos em lutas estéreis, colocando os interesses pessoais ou de grupos acima dos nacionais, então reproduziremos o quadro da desagregação que seguiu à tomada da Bastilha e caminharemos irremissivelmente através das dissolventes guerrilhas de artificiais “montanhas”, “planícies”, “girondas” e “jacobinismos”, para algum imprevisto Brumário, que não será nenhuma novidade a admirar por quem já assistiu à ópera tragi-cômica de 1937...

Ou, então, será pior: pois utilizados os partidos, numerosos e sem consonância com o alto sentido de uma política nacional comum de defesa da Pátria e da Democracia, pelo agente internacional de destruição das liberdades humanas, constituirão êles próprios, os partidos, o seu próprio instrumento de morte.

\* \* \*

Não foi outra coisa que aconteceu na Rússia, como prelúdio da tragédia in-humana do bolchevismo. Ali, os numerosos partidos ("menchevique" ou "social-democrata"; "cadete", ou "constitucional-democrata"; e o "social revolucionário" e outros) foram explorados e manobrados habilmente pelo partido de Lenine, que agia menos como partido propriamente dito do que como propulsor dos soviets, dos grupos revolucionários e criador de acontecimentos pelo jogo perverso de cínicas intrigas.

O golpe do bolchevismo na Rússia, que suprimiu todas as liberdades privadas e públicas, implantando o mais terrível dos totalitarismos da História, foi um acontecimento em tudo semelhante às jornadas de Termidor e de Brumário na Revolução Francesa. Do mesmo modo como aqueles episódios constituíram a reação contra a anarquia implantando novo sentido de ordem estatal, também a revolução bolchevista em Petersburgo representou, em última análise, a reação contra a desordem dos partidos e a imposição de uma ordem violenta e sanguinária.

Praticamente, não houve em 1918, na Rússia, uma revolução comunista: o que houve foi uma revolução liberal, que desenvolveu o ciclo da sua crise até o momento em que, aniquiladas pela desordem todas as energias vitais da Nação, entrou em cena o reacionarismo vermelho colhendo os frutos da anarquia.

Analisada a fundo a tática comunista, verificamos nela mais elementos que a caracterizam como reação do que como revolução. Postos os acontecimentos nos limites estritos da dialética hegeliana, não há como fugir dessa verdade, que identifica o comunismo ao nazismo e ao fascismo, isto é, aos fins daquele e aos processos deste.

O comunismo é reacionário porque atinge o bem totalitário do nazismo e porque usa para atingi-lo o processo extra-eleitoral do fascismo. Realiza-se, portanto, como reação completa, absoluta, sendo mais reacionário do que o nazismo porque adota a técnica rumariana do fascismo e

não a técnica eleitoral do nazismo. Ao mesmo tempo é mais reacionário do que o fascismo, porque na realização do Estado cinge-se às normas sufocadoras de toda liberdade humana, conforme fez o nazismo.

Em qualquer hipótese, a desordem revolucionária é insuflada pelo comunismo, mas nunca executada por ele próprio. Quem a realiza são os partidos numerosos e entredorantes, que preparam a "oportunidade histórica" a que se refere Lenine, para o desfecho soroaleano do golpe de Estado, tipicamente reacionário.

\* \* \*

Insisto, por conseguinte, em dizer que nós, homens de partido, se desejamos livrar o Brasil ou de uma ditadura da direita ou de uma ditadura da esquerda, precisamos encontrar as bases de um empreendimento em que as correntes afins se coliguem em torno de alguns postulados e de alguns compromissos, dando corpo a uma política de salvação das liberdades públicas e de sustentação do sistema democrático.

Tudo se deve fazer em termos de realidades objetivas e não sob a férula de leis inadequadas e dispositivos artificiosos gerados nos gabinetes, à sombra das livrarias e longe da vida nacional.

E se não encontrarmos o caminho que o Império encontrou, nos tempos de Caxias, isentando os espíritos da confusão reinante, desde a Independência até à Abdicação e desta até a Maioridade, então mostraremos que os homens de outros tempos foram maiores do que nós, foram mais dignos e honestos e, para vergonha desta geração, foram mais inteligentes.

## **COLEÇÃO "DOCUMENTOS POPULISTAS"**

(À venda em todas as livrarias)

- 1 — "*Código de Ética do Estudante*" ..... Cr\$ 5,00
- 2 — "*Extremismo e Democracia*" - Plínio Salgado

Fazemos remessa direta pelo Reembolso Postal.



Trynnumby